

DIÁRIO DE PERNAMBUCO

1 de janeiro de 1989

Parapsicólogo duvida dos profetas de plantão



À luz da Parapsicologia, as previsões feitas por astrólogos, tarólogos, numerólogos, cartomantes, pais-de-santo não têm qualquer embasamento científico, segundo garante o professor e parapsicólogo Valter Rosa Borges. Por conta disso, ele faz um alerta à população, no sentido de “não dar crédito ao que disserem “os profissionais do futuro”, que, quando chamados por nós do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas, para adivinhação dos fatos, fazem “vista grossa”. Agora mesmo, estou à disposição deles, mas tenho certeza de que não aparecerá um. Ano passado, formulei o convite, esperei e... nada. E, desta vez, não será diferente”.

Graça Prado

Na opinião do parapsicólogo, “o ideal seria esse pessoal submeter-se a um teste, que seria realizado à base de questionários com perguntas de diversos tipos e assuntos. Eles responderiam a tudo, colocaríamos todo o material num envelope e, na presença da Imprensa, deixaríamos numa instituição idônea para, no primeiro dia do ano seguinte, abrímos para proceder a uma conferência. Agora, como sabem que não têm o talento de adivinhar o futuro, preferem não levar o convite a sério. Mas continuo às ordens para fazer uma investigação paranormal.”

PRECOGNIÇÃO

Para o professor Rosa Borges “a Parapsicologia não explica a previsão. O que existe é o que chamamos de precogição, que significa o conhecimento antecipado do futuro. É um fenômeno paranormal raríssimo e que, por isso, só acontece em casos excepcionais. Só uma vez ou outra é que a pessoa pode tomar conhecimento de um fato futuro, ter condições de fazer até uma previsão, digamos assim, de fatos presentes. Trabalhando com a mente, quem garante que não o conseguirá? Agora, essa previsão todo final de ano não dá para suportar. Até porque o termo previsão não tem nada de paranormal. É tão genérico, que poderá acontecer.

- No ano passado – completou – fiz um desafio aos que lidam com o futuro, formulei questões específicas, por exemplo, com relação aos terremotos, em que continentes seriam registrados, os lugares, o número de mortos, o índice na Escala Richter. Quis saber também quem seria o campeão da Copa União, levando-se em conta que o do ano 86 fora o Coritiba e o do ano passado o Sport Clube do Recife. Ninguém venha me dizer que acertaria, porque não há como acreditar, pois é mis sabido de que esses títulos nunca, jamais, em tempo algum se cogitou que ficaria com uma equipe não as do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais ou Porto Alegre. Mas ninguém aceitou o desafio, o que significa que dão informações que se aplicam a qualquer coisa ou pessoa. Quer uma prova? A morte de Carlos Lacerda foi badalada por todos que se dão ao luxo de prever o futuro. Engraçado é que o fato aconteceu justamente quando

ninguém mais falou. Dá para entender? No ano em que ninguém teceu comentário, o homem se foi.

ANTECIPAÇÃO

No entender do professor, “é possível tomarmos conhecimento antecipado das coisas. Por que não? A norte-americana Jeane Dickson, por exemplo, previu as mortes de Martin Luther King, do presidente Kennedy, do senador Robert Kennedy. Na época, seu índice de acertos ficou ente 60 e 70%. A búlgara Mitrova, de quem dizem maravilhas, tem um índice bem maior, chegando até 90%. Mas isso não quer garantir nada”.

Segundo fez ver, o grande problema do brasileiro é que “ele é mágico por natureza. Nessa época, inclusive, dá-se ao luxo de consultar astrólogos, pais-de-santo, numerólogos, uma plêiade de pessoas que se autodenominam com poderes transcendentais, forças para-normais, mas que, no final das coisas, dizem apenas aquilo que a pessoa estava crente que iria ouvir. Sendo assim, o normal é se associar os fatos futuros àquilo que já se supunha, poderia ser dito através dos números, das cartas, dos búzios. Não é uma questão de paranormalidade. No fundo, no fundo, pode ser que alguma daquelas coisas aconteça. Ninguém sabe”.

IMPROVISO

- O brasileiro vive numa situação de improviso – assegura Rosa Borges, “apelando para o acaso. E os espertalhões disso se aproveitam para tirar pronto. Na verdade, o povo vive o Além e esquece o aquém. Em função da crise socioeconômica e de tantas mazelas que o país vem enfrentando, ele está precisando mesmo é de consolação. Agora, o pior é que ele vai busca-la justamente através dos fenômenos abstratos. Previsões, no meu entender, criam desconforto, alimentam falsas esperanças. E essas pessoas que trabalham com isso valem-se da ingenuidade dos outros para obter proveito. Apegam-se à religiosidade entranhada do povo, que não acredita na inexistência do valor científico desse fenômeno, e tudo bem. Cada um com uma interpretação, diferente dos fatos, ganha terreno nessa área, procurando levar a melhor”.

Via de regra, o parapsicólogo Valter Rosa Borges sugere que a previsão do futuro não deve ser matéria de preocupação popular. Conforme explicou, “é um assunto que está sendo estudado à luz da Parapsicologia, como algo capaz de adivinhar um fato. O conhecimento antecipado do futuro é um registro esporádico.. imagine profissionais da previsiologia adivinhar o futuro”. E até engraçado e bastante curioso. Agora, enquanto o povo procurar no além as soluções mágicas para resolver seus problemas, fatalmente não terá condições de encontra-las. Mesmo assim, é importante lembrar que não devem dar crédito ao que dizem os previsinostas. Afinal de contas, pelo que se tem conhecimento, o índice de acerto nunca fora além dos 5%, o que prova a inexistência da coisa e, conseqüentemente, deixa em aberto um caminho para o descrédito. Não acreditem em “previsões”. Elas não têm embasamento científico algum!”

Diário de Pernambuco

5 de março de 1989.

Parapsicologia quer direito de ser ciência

A inclusão da Parapsicologia como uma das disciplinas da Universidade de Brasília deu novo alento ao professor Valter Rosa Borges, fundador e atual presidente do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas – I.P.P.P. – por considerar necessário “evitar confundir pesquisa parapsicológica com Espiritismo”.

Incluído entre os pesquisadores mais sérios e rigorosos do Brasil, ao ponto de questionar a paranormalidade do médico espiritualista Edson Queiroz, que diz realizar curas e intervenções cirúrgicas incorporando o espírito do médico alemão “Dr Fritz”, Valter Rosa Borges ressalva não entrar na questão espírita, em si e inclusive respeitar a crença.

“Porém”, esclarece, “a Parapsicologia é uma disciplina estritamente científica e nada tem a ver com curas milagrosas ou inquietações existenciais. Seu objetivo é detectar a existência de energias ainda desconhecidas, mas perfeitamente quantificáveis e materiais que algumas pessoas têm como dom ou a capacidade de possuir e dominar. Vejo com muita inquietação a crescente mistificação em torno da Parapsicologia”.

PROFISSÃO

A Parapsicologia, diz Valter Rosa Borges, como ciência, vem se desenvolvendo, de maneira extraordinária, nos Estados Unidos e na União Soviética. “No Brasil, contudo, ela não apresenta o mesmo ritmo de crescimento, embora existam, nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Pernambuco instituições de Parapsicologia à altura das tradições científicas, tais como o Instituto de Parapsicologia do Rio de Janeiro, o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, a Faculdade de Ciências Bio-Psíquicas do Paraná e o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas”.

A Parapsicologia é uma ciência, mas pode ser considerada também como uma profissão?

“Sim, responde Valter Rosa Borges, o parapsicólogo pode ser um cientista puro, preocupado com especulações teóricas e elaboração de modelos abrangentes com o propósito de sistematizar a complexa fenomenologia paranormal. Pode ser, também, um pesquisador dedicado à preparação e aplicação de testes parapsicológicos, visando à melhoria do controle experimental e à investigação de casos de natureza paranormal. Pode, ainda, dedicar-se ao magistério, transmitindo seus conhecimentos especializados na formação científica de novos parapsicólogos. E pode, finalmente, atuar como consultor psíquico, na orientação e assistência a pessoas que estejam, direta ou indiretamente, envolvidas em experiências paranormais. Além disso, é da competência do parapsicólogo o treinamento de pessoas dotadas de talentos parapsicológicos e a elaboração de laudos periciais, sempre que, assim, se fizer necessário. Como se vê, num rápido esboço, o campo de atividades do parapsicólogo é muito vasto, delimitando, com segurança, o seu mercado de trabalho”.

Informa que, desde 1983 com a criação da Federação Brasileira de Parapsicologia (Febrap), “da qual o nosso Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas é membro filiado e fundador, se iniciou o movimento de reconhecimento e de preparação de parapsicólogos, visando à formação e disciplinamento de uma comunidade científica dedicada ao estudo e à pesquisa dos fenômenos paranormais. De logo, foram criados os Conselhos Regionais de Parapsicologia, os quais, embora com existência meramente fática, já vêm constituindo um fator de desenvolvimento da Parapsicologia em alguns Estados do Brasil. O Recife, por exemplo, é a sede da 7ª Região do Conselho Regional de Parapsicologia (Conrep), abrangendo toda a região nordestina, à exceção do Maranhão e da Bahia. Ficou estabelecido, em decisões tomadas pela Federação Brasileira de Parapsicologia (Febrap) e as instituições a ela filiadas, que parapsicólogo é todo aquele que, como tal, seja reconhecido por sociedades de Parapsicologia credenciadas, entre as quais se destacam a Associação Brasileira de Parapsicologia, o Instituto de Parapsicologia do Rio de Janeiro e o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. Compete,

porém, aos Conreps o registro das pessoas consideradas habilitadas, desde que satisfeitos certos requisitos básicos, entre eles, o exercício satisfatório de atividades em Parapsicologia num período mínimo de cinco anos, antes de 1963, participação, como conferencista oficial, de congressos nacionais de Parapsicologia, publicação de obras especializadas e de valor científico comprovado. Porém, o requisito mais importante é, atualmente, a conclusão de curso de pós-graduação, lato sensu, em Parapsicologia. Assim, somente em caráter excepcionalíssimo, uma pessoa, sem diploma universitário, pode ser reconhecida como parapsicólogo por um dos Conselhos Regionais de Parapsicologia”.

Quanto ao curso, ele salienta:

“O Curso de Pós-Graduação em Parapsicologia, oferecido pelo I. P. P. P. tem a duração de 360 horas e se exige que o candidato, além de portador de diploma universitário, tenha concluído o Curso de Parapsicologia, Básico II, oferecido pelo Instituto ou certificado de curso semelhante ministrado por outra sociedade credenciada de Parapsicologia.”

JORNAL DO COMMERCIO
29 de maio de 1989
POLÍCIA CAÇA FANTASMAS

Os caça-fantasmas

Gasparzinho, Pluft e toda raça de fantasmilhas estão com os dias contados. Agora, até os tiras estão de olho neles

Kaíke Nanne

Não consta que o general Evilásio Gondim costumasse caçar fantasmas. É certo, porém, que seu interesse por "assombrações" superava os limites da mera curiosidade. Preocupado como deveria proceder a Polícia Civil caso um maldoso fantasmilha fosse pego e autuado em flagrante delito — o que seria, ao mesmo tempo, uma complicada questão para a Justiça — o então secretário da Segurança Pública resolveu tomar sérias medidas. Da sala 8 X 8 no segundo andar da SSP, que ocupou de março de 87 a janeiro deste ano, Gondim expediu circular às delegacias, determinando que "todos os casos de assombrações, fantasmas ou coisas semelhantes, fossem investigados por especialistas".

Nem tão distante assim do tempo da "caça às bruxas", o general resolveu instituir a caça aos fantasmas, a partir de um projeto elaborado pelo Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas, o IPPP. "Os policiais simplesmente não sabiam o que fazer quando chegavam numa casa e viam garrafas voando e se espatifando na parede ou cadeiras se mexendo sozinhas...", revela a doutora Olga Câmara, assessora de ensino da Academia de Polícia Civil, que analisou o projeto do IPPP e o apresentou ao general Gondim.

A proposta de capacitar agentes de polícia a exterminarem com os mal assombros, deixou entusiasmado o general. Pouco tempo depois, a equipe do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas dava palestras a delegados, peritos e agentes, explicando que o "capiroto" não sairia dos seus cuidados, no Inferno, para atormentar ninguém por aqui. Os parapsicólogos, então, contraindicaram a prática a que os policiais habitualmente recorriam: a recomendação de que pessoas envolvidas no caso procurassem um centro espírita ou um terreiro de umbanda.

Ficou estabelecido qualquer fantasma/arruaceiro seria notificado às delegacias de plantão que, por sua vez, acionariam *Os Caça-fantasmas*. Policiais treinados tomariam as providências imediatas - "os primeiros socorros" - até que os especialistas do IPPP chegassem.

O Projeto de Investigação e Treinamento em Parapsicologia nas Atividades de Polícia previa, ainda, a realização de uma bateria de testes com agentes, buscando identificar aqueles que tivessem aptidões paranormais. Esses indivíduos seriam preparados para utilizarem seus recursos parapsicológicos na investigação alternativa de crimes misteriosos e na localização do paradeiro de pessoas desaparecidas.

"Fenômenos paranormais como a Psicometria — que é a capacidade, de, apenas, tocando um objeto, fornecer detalhes sobre a pessoa que o possui - ou a precognição - habilidade para prever acontecimentos — seriam ferramentas a mais nas investigações, quando utilizados por policiais treinados", explica o presidente do IPPP, o parapsicólogo Valter da Rosa Borges, 55. "Os serviços secretos dos Estados Unidos e da União Soviética, a Cia e a KGB, já há muito tempo recrutam paranormais para utilizarem suas habilidades a serviço da espionagem internacional. No Brasil, nosso projeto — que propunha um convênio com a Secretaria da Segurança Pública - é pioneiro", orgulha-se Borges, para logo depois lamentar o fato de o projeto encontrar-se, atualmente, empoeirado em algum armário da SSP.

Borges revelou que o general Gondim teve que superar muitos entraves, dentro do Governo, para dar o pontapé inicial do que seria, posteriormente, um convênio entre a instituição científica e a Secretaria. O Instituto iria entrar com os recursos técnicos e o Governo com as despesas operacionais. O entusiasmo era tanto, que até a assessora de ensino da Academia de Polícia, Olga Câmara, ingressou no curso de pós-graduação em parapsicologia ministrado pelo IPPP. "Mas aí o general Gondim foi exonerado do cargo e o projeto estancou", lembra Borges.

Entretanto, sem usar de precognição, é possível prever a breve concretização do projeto Caça-fantasmas e Investigações Parapsicológicas. É que o atual secretário da Segurança Pública, o deputado Almeida Filho, mostra-se tão interessado quanto o general Gondim: "Nós já temos uma equipe técnica que está estudando o projeto e deverá emitir parecer tão logo concluam as avaliações", disse Almeida Filho, que pode vir a ser mais um caça-fantasma.

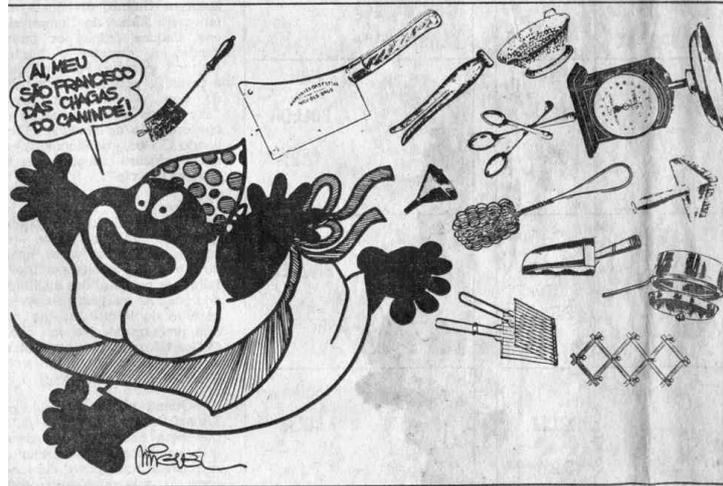


Borges mostra metais que foram entortados por um paranormal

30 de setembro de 1989

Ciência e religião se encontram na Unicap

Objetos que voam pela casa, móveis incendiados sem explicação, "fantasmas": os fenômenos paranormais são o tema dos parapsicólogos que fazem hoje o seu Simpósio no Recife.



Durante todo o dia de hoje o auditório António Vieira - no Bloco G da Universidade Católica de Pernambuco - viverá uma discussão que se coloca na encruzilhada entre o conhecimento científico e as crenças religiosas, pois é lá que acontece, a partir das 8h30min, o 7º Simpósio Pernambucano de Parapsicologia, organizado pelo Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas (IPPP).

Estimulados pelo fato de a Universidade de São Paulo ter concedido a pós-graduação à professora Adelaide Peter Lessa - que em 1988 apresentou uma tese baseada em fundamentos parapsicológicos - os parapsicólogos e estudantes de parapsicologia de Pernambuco e de outros Estados do Nordeste devem fazer deste 7º Simpósio um marco na luta que vêm enfrentando para transformar a Parapsicologia numa Ciência com lugar nas Universidades. A Universidade de Brasília (UnB) está implantando um curso na área, e poderá se transformar na primeira Universidade brasileira a fazê-lo.

A ciência e as crenças

"Parapsicologia é a Ciência que tem como objeto de pesquisa os fenômenos paranormais, e fenômenos paranormais são tudo aquilo que acontece e não pode ser explicado à luz da análise racional, dos sentimentos normais", esclarece o promotor de justiça Válder Rosa Borges, 55 anos - 16 deles como presidente do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas (IPPP).

Objetos que voam pela casa, móveis incendiados sem motivo aparente, ectoplasmas que saem da boca, nariz e ouvidos das pessoas desenhando figuras fantasmagóricas no espaço. Tudo isso são fenômenos chamados paranormais e, quando analisados por religiosos, espíritas, umbandistas ou babalorixás do candomblé, são apontados como "manifestações do além - do espírito dos mortos".

Válder Rosa Borges explica que "a Parapsicologia, como Ciência, aborda esses fenômenos paranormais como manifestações do organismo humano vivo, e não dos mortos". Segundo ele, "é necessário fazer distinção entre os dogmas religiosos e a Ciência, cujos postulados se baseiam na experimentação". Rosa Borges assegura que todos os fenômenos pesquisados

pelos parapsicólogos - como Poltergeist e telepatia - podem ser comprovados e experimentados na prática".

Diário de Pernambuco

1 de outubro de 1989

Parapsicólogos não são bem vistos

"A formação do parapsicólogo, em Pernambuco", "Conceitos e Informação em Parapsicologia" e "Aparição e Revitalização é Milagre?", foram alguns dos temas discutidos no VII Simpósio Pernambucano de Parapsicologia, realizado durante todo o dia de ontem, no auditório do bloco "G" da Unicap. Apesar do reduzido número de pessoas que compareceu ao encontro, fato que surpreendeu o presidente do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas (IPPP), Valter da Rosa Borges, a parapsicologia, segundo seus adeptos, vem chamando cada vez mais a atenção das pessoas.

O estudo desta ciência não é algo fácil e passa pela eterna luta do homem com o desconhecido, que, no caso, é a própria mente. Valter da Rosa Borges explica que a parapsicologia trabalha com fenômenos incomuns da mente humana, como telepatia (comunicação entre seres através do pensamento), clarividência (percepção de fatos à distância) e psicocinesia (ação da mente sobre o mundo exterior).

A abertura dos trabalhos do simpósio contou com palestras de três estudantes do Instituto sobre a formação do parapsicólogo, em Pernambuco. De acordo com Valter da Rosa Borges, este curso tem sido procurado por muitos profissionais, apesar de ainda não ter sido reconhecido pelo MEC. Advogados, engenheiros, psicólogos, pedagogos e médicos, são algumas das profissões dos que vão ao IPPP para uma pós-graduação ou cursos básicos sobre parapsicologia.

MISTURA

No Brasil, mesmo com os parapsicólogos defendendo os avanços que a ciência está conseguindo, existe uma grande mistura de assuntos que não dizem respeito à parapsicologia. Como explicou Rosa Borges, "há uma contaminação dentro desta ciência com assuntos sobre sobrevivência do espírito, imortalidade e, principalmente, temas e fatos atribuídos a religiosidade. "Somos chamados de organicistas, materialistas, entre outros desígnios, e não somos bem vistos", reconhece o parapsicólogo.

Esta posição é fácil de ser entendida até pelas próprias pregações da parapsicologia, que põe por água abaixo muitas teses e fatos anormais atribuídos à espíritos, fantasmas etc. Borges disse que no mundo não existem mais de 200 paranormais. No Brasil, o mais conhecido é o "médium" Chico Xavier, cujas cartas psicografadas com mensagens do além, são analisadas por Rosa Borges como "dramatização do inconsciente".

MAU USO

Como toda a ciência neste mundo moderno, a parapsicologia vem sendo mal-usada, na opinião dos estudiosos. Nos Estados Unidos e União Soviética através de serviços como a CIA e KGB, há notícias de paranormais utilizando seus "poderes" para fins bélicos e de espionagem. Valter explicou que os paranormais usam seus poderes para provocar mal-estar nas pessoas

ou, como falou o presidente da Associação Brasileira de Parapsicologia (ABRAP), Geraldo Sarti, desviar foguetes e obter informações.

Sarti afirmou que não tinha conhecimento deste uso da ciência no Brasil. Ao contrário, adiantou ele, "estão utilizando-a para desenvolver" experiências científicas bastante avançadas, em áreas como a física, psicologia e medicina. Na própria questão do homem e sua relação com a sociedade, hoje recheada de dúvidas e incertezas, o presidente da Abrap encontra um motivo para a parapsicologia. "Na natureza do fenômeno paranormal encontramos uma solução alternativa entre a visão do comportamento humano e social, fugindo dos modelos clássicos. Ajudamos o indivíduo a se realizar na sociedade".